

**Texto completo – Poster**

**GT – Currículo**

**Currículo em ação: anotações sobre os usos da avaliação no cotidiano da prática pedagógica.**

**FONTANA, Roseli Ap. Cação .**

**Faculdade de Educação - UNICAMP**

Na última década, junto a muitas análises estruturais da escola que contribuíram para caracterizar o trabalho docente como expropriado, inscrevendo os professores, na ordem social, a partir do negativo, como um grupo profissional arrastado pela proletarização inexorável, destituído de identidade própria e de competência técnica, sempre a oscilar entre a resistência à mudança e a adesão superficial aos modismos em voga, surgiram trabalhos de pesquisa voltados para a compreensão do **currículo em ação** (Geraldi,1994).

Segundo Corinta Geraldi, o "*conceito/noção*" de currículo em ação refere-se ao "*conjunto das aprendizagens vivenciadas pelos alunos, planejadas ou não pela escola, dentro ou fora da aula e da escola, mas sob a responsabilidade desta, ao longo de sua trajetória escolar*" (1994:117). Ou seja, "*aquilo que ocorre, de fato, nas situações típicas e contraditórias vividas pelas escolas, com suas implicações e compreensões subjacentes e não o que era desejável que ocorresse e/ou o que era institucionalmente prescrito*"(idem).

Deslocando o foco de seu olhar e de suas análises para a trama miúda do cotidiano escolar, os estudos desenvolvidos na perspectiva do "currículo em ação" têm dado a ver também, na descrição dos processos peculiares de uso das práticas e procedimentos pedagógicos, indicadores da constituição do trabalho docente nas condições objetivas de vida profissional dos professores.

O presente trabalho inscreve-se nos estudos do currículo em ação. Intrigada, há tempos, pelas questões relativas à constituição do "ser profissional" nas mulheres professoras, tenho procurado, como professora-pesquisadora, documentar indícios desse processo na "proliferação disseminada" de criações cotidianas anônimas e "perecíveis" (Certeau), que, junto a outras relações sociais, constituem a vida pessoal e profissional das mulheres professoras que as experimentam - seu curriculum.

Ancorada em Bakhtin (1986) e também em Certeau (1994), que aportam lentes teórico-metodológicas para uma aproximação da produção de sentidos no fluir obstinado

das relações e rituais cotidianos do trabalho escolar, e sem desconhecer a micro-física do poder foucaultiana, tenho me acercado da diversidade de usos efetivos que fazemos dos procedimentos e práticas pedagógicas em circulação no mercado simbólico.

Desse projeto de pesquisa recortei, para essa proposta de apresentação, um episódio vivido por mim, em que tematizo uma experiência de re-significação do ritual avaliativo em um curso de Didática. Nas atividades desenvolvidas junto a meus alunos, consideradas aqui como a materialidade do que efetivamente ocorre na sala de aula, materialidade na qual ação e intenção estão articuladas, pude experimentar a criação de sentidos outros da prática de avaliação, no uso efetivo e peculiar que dela fui fazendo, mediada por eles.

#### *Do ritual ao uso - nós nem sempre fazemos tudo igual.*

Nas teorias tradicionais do currículo, a categoria da avaliação ocupa um lugar de destaque em meio às questões de ordem técnica e organizacional que caracterizam suas preocupações. Nesse enquadramento, o processo avaliativo é, via de regra, um "*ritual de fim de período*" (Brandão, 1987).

Assim vivi a avaliação em muitos momentos de minha vida profissional. Antes de uma leitura crítica do ritual avaliativo, eu me conduzia no "automático", procurando dar conta da tarefa instituída, que acabava acontecendo "naturalmente", sem que eu me debruçasse sempre sobre os seus mais ocultos significados.

Como todo rito, "*ações sociais de significação reconhecível*" (Larrosa, 1998), a avaliação diz a respeito das relações de poder que articulam as pessoas que a empreendem: dos lugares sociais que ocupam no plano do instituído, dos mecanismos de controle de suas ações na lógica que rege e define a especificidade da docência na organização do trabalho na escola capitalista e dos processos de constituição de subjetividades em jogo na rede de micropoderes de disciplina e de vigilância que o sustentam .

Assumindo a análise de Brandão, considero que o ritual da avaliação se apresenta na escola, tal qual em projetos educativos não formais, como um meio direto de aferição dos significados, sentidos e efeitos da prática realizada pelos professores com seus alunos, tendo em vista o benefício daqueles a quem essa prática se dirige. No entanto, como a avaliação define antecipadamente a estrutura significante dos resultados a serem obtidos, a lógica à luz da qual serão discutidos e os usos pedagógico-políticos que deles serão feitos, o que se evidencia é que os sujeitos da prática pedagógica - professores e alunos - são avaliados para que a própria organização do trabalho na escola se avalie, configurando, assim, um meio direto e não confessado de controle do trabalho educativo e de legitimação da própria escolarização.

O circuito desse ritual passa inicialmente pela instância da sala de aula. Ali é realizada a coleta sistemática dos significados, sentidos e efeitos da prática dos professores junto aos alunos. Em seguida, os dados coletados passam pela análise do professor, segundo critérios por ele definidos, e, finalmente, pela devolução individual dos resultados aferidos e/ou comentários gerais sobre os mesmos aos alunos. Nessa instância da sala de aula, a avaliação configura uma supervisão sistemática das elaborações dos alunos e da ação educativa de professoras e professores, cumprindo a função de tornar legítima e efetiva a ação da instituição escolar e da ordem hierárquica do trabalho.

A síntese dos resultados obtidos nessa instância da relação educativa imediata, é codificada de formas diversas e remetida a outras instâncias da escola e do sistema educativo, onde avaliadores externos à sala de aula exercem sobre ela seu controle.

Nesse circuito, independentemente de quais sejam os resultados da avaliação, é a própria organização do trabalho pedagógico na escola capitalista que deles se beneficia, na medida em que através do ritual avaliativo se mantem, como diz Brandão, "uma hierarquia funcional funcionando":

*"A sua periodicidade e mais o fato de que seja sempre realizada como um rito que se cumpre na rotina da racionalidade do "programa", servem para manter a casa em ordem. Uma prestação de contas rotineiras dos que "trabalham nas bases" (...); uma prestação mais elaborada de contas dos quadros intermediários, acompanhada de reuniões de supervisão (...), servem a que todos, do [professor] ao coordenador( mais o "local" do que o "regional", mais o "regional" do que o "nacional"), estejam sendo objetivamente controlados e se sintam subjetivamente controlados". (p.59/60)*

As leituras das implicações e sentidos subjacentes à avaliação produziram mudanças nos modos como eu me experimentava nessa prática. Provida dessa lente, passei a olhar para aspectos que até então pareciam-me naturais, como a classificação que fazia dos alunos, os encaminhamentos para atendimento especializado. Re-signifiquei os embates que travava com a coordenação pedagógica das escolas onde trabalhei. Passei a me preocupar com os modos de ensinar e de propor atividades a meus alunos, entendendo que aí já começavam os efeitos e sentidos da avaliação. Mudei a escuta aos dados coletados, tratando de incorporar as elaborações dos alunos a minhas decisões sobre os rumos e estratégias de continuidade do curso, a compartilhar com cada um deles a análise que fazia de suas reflexões, a explicitar os critérios com que avaliava meu trabalho através deles. Em outro momento passei a me preocupar em compartilhar com os alunos as indagações que suas elaborações suscitavam em mim, as diferenças que encontrava entre o que eu

pensava/esperava e o que haviam produzido, sugestões de continuidade nas reflexões esboçadas, etc..

Ao longo desse processo, percebo hoje, que re-significava meu lugar e o dos alunos no ritual avaliativo. Aproximando-me deles, apurando a escuta aos seus dizeres, dando a ver o que eu própria pensava, desqualificava, em parte, o caráter de expropriação de saberes e de poder de que estavam revestidos os lugares de "trabalho sem poder" e de "saber sem poder" por nós ocupados na organização do trabalho pedagógico.

No entanto, eu nunca vivera a avaliação como um momento de produção coletiva de conhecimentos. Aprendi, com meus alunos, essa possibilidade, não como produto de uma boa vontade prévia", de uma busca deliberada, mas no acaso do encontro. Como analisa Gilles Delleuze (1987) em sua análise de Proust, "(...) *o signo que é objeto de um encontro(...) exerce sobre nós a violência. O acaso do encontro é que garante a necessidade daquilo que é pensado.* (pp.16/17)

Ao experimentar um outro modo de propor a avaliação, muito mais pelo desejo de reconstituir com os alunos a trajetória descrita pela disciplina Didática ao longo da primeira metade do curso, compartilhei com eles a leitura que eu fizera do nosso percurso e os convidei a fazerem o mesmo: que compartilhassem comigo suas leituras desse mesmo percurso.

No encontro com os textos produzidos pelos alunos, sobressaltei-me frente às variações e variedade de sentidos que aquele único e mesmo percurso produzira. Aprendi na multiplicidade das leituras que faziam do trabalho de mediação que os atingia, as possibilidades que nele encontravam.

Fascinada, escrevi a eles em resposta ao ritual avaliativo: "*Lendo os diferentes caminhos trilhados por vocês na elaboração do nosso curso de Didática, fui-me dando conta do quanto a devolução individual dessa produção, comentários gerais sobre a mesma ou a troca de textos entre pares seriam silenciadores da riqueza e das possibilidades de interlocução que eu nelas encontrei como leitora. Esse sentimento, o desejo de evitar que as muitas pequenas coisas acontecidas e elaboradas nesse nosso percurso acabassem esquecidas por nós mesmos e a possibilidade de vivermos a avaliação como um verdadeiro momento de produção de conhecimento, estimularam-me a organizar uma pequena coletânea dessa produção, que passará a compor, com os textos acadêmicos e literários que selecionei para o curso, material para discussão, análise e indagação*".

Ao experimentar a des-centração do lugar de professora e surpreendida pela pluralidade de esforços empreendidos por meus alunos na elaboração daqueles dois meses

de encontros, re-signifiquei, mais uma vez a avaliação e os usos que dela fizera até então, como um espaço e um momento possível de produção coletiva de conhecimento, na quietude dos gestos de organizar as leituras, rever anotações, perpassá-las em busca de indícios e lembranças dos percursos vividos e, seguindo-lhes as sendas, aproximar-nos do exercício difícil de espreitar a nós mesmos, de nos colocarmos na escuta das múltiplas e ruidosas vozes que nos constituem, de nos entregarmos às ousadias e embates que a escrita - como registro - possibilita e exige nesse tipo de encontro - confronto para nos dar a ver / ler de maneira organizada.

Essa experiência de um "uso peculiar" da avaliação, deslocou meu olhar do plano do instituído - "*dos ritos obrigatórios de celebração*"(Certeau) - para o plano do instituinte - "*os minúsculos espaços de jogo que táticas sileciosas e sutis insinua na ordem imposta*"(Certeau). Nesse plano pude perceber que aquilo que se considera profissionalmente como sendo avaliação é apenas "*uma das modalidades de conhecimento da relação trabalho-efeitos da experiência*" (Brandão, 1987: p.61), pois "*na liberdade gazeteira da prática*"(Certeau), a avaliação também é vivida como uma atitude, mais do que como técnica, como uma "*experiência de algo que se realiz[a], sem realizar nada mais do que a própria experiência*" (Brandão,p.63) .

Referências bibliográficas

- BAKHTIM, M. Marxismo e Filosofia da Linguagem** . São Paulo: Hucitec, 1986.
- \_\_\_\_\_ **Estética de la creación verbal**. Mexico: Siglo Veintiuno Editores, 1985.
- BRANDÃO, C.R.** "*Avaliação, Participação - anotações sobre um ritual de fim de períodos*". In **Cadernos CEDES**, Cortez Ed, nº 12, 1987, pp.57-64.
- CERTEAU, M.de.** **A invenção do cotidiano - Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- DELEUZE, G.** **Proust e os Signos**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.
- FOUCAULT, M.** **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal,1979.
- GERALDI, Corinta M. G.** "*Currículo em Ação: buscando a compreensão do cotidiano da escola básica*". In **Proposições**, FE/ UNICAMP, vol 5, nº 3 [15], pp.111-133.
- LARROSA, J.** "*O enigma da infância ou o que vai do impossível ao verdadeiro*". In **LARROSA, J. e PEREZ de LARA, N.** (orgs.) **Imagens do outro**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- SILVA, T.T. da.** **Documentos de Identidade - Uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

Proposta de apresentação gráfica do poster.

**Currículo em ação: anotações sobre os usos da avaliação no cotidiano da prática pedagógica.**

**As questões**

O percurso teórico-metodológico.

- teorias
- conceitos

O material produzido na sala de aula

- pela professora
- pelos alunos

A experiência da avaliação como momento de produção coletiva de conhecimento.

